

# Diário de viagem à Bolívia ou a reconciliação com o poema

Maiara Knihs<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto performa a escrita da subjetividade como metodologia de pesquisa nas artes, a partir do curso Sociologia da Imagem, de Silvia Rivera Cusicanqui em 2022. Em forma de diário, o texto entrelaça teoria, exercícios do curso e encontros, evidenciando a descolonização interna como eixo central em uma investigação sensível, situada e integrada à vida cotidiana.

**Palavras-chave:** *Silvia Rivera Cusicanqui. Sociologia da imagem. Descolonização interna. Escrita da subjetividade.*

## Bolivia travel journal or the reconciliation with the poem

**Abstract:** This text performs the writing of subjectivity as a research methodology in the arts, based on the course Sociology of the Image by Silvia Rivera Cusicanqui in 2022. In the form of a diary, it weaves together theory, course exercises, and encounters, highlighting internal decolonization as a central axis in a sensitive, situated, and life-integrated investigation.

**Keywords:** *Silvia Rivera Cusicanqui. Sociology of the image. Internal decolonization. Writing of subjectivity.*

---

1 Doutora em línguas e literaturas românicas pela Harvard University (2024), onde pesquisou as disputas em torno do significado de raça na literatura e nas artes visuais brasileiras. É formada em letras e mestra em literaturas pela UFSC. Atualmente atua como escritora, psicanalista e mãe. Autora de *ninharia*, *Inventário de quedas*, *A cigarra Circe muda de casa e canto para embaraçar a língua*. E-mail: [mknihs@gmail.com](mailto:mknihs@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1301-6357>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3113249018453192>. Florianópolis, Brasil.

La marea de separación  
es rítmica  
llega y se va  
arrastra cosas  
arrastra cosas viejas  
todavía parece un poco lejos de cubrir nuestra  
casa.

Yuszczuk (2014, p.19)

Em 16 de janeiro de 2022, viajei de Florianópolis, Brasil, para La Paz, Bolívia. O objetivo da viagem era participar da cátedra livre oferecida pelo Colectivo Ch'ixi, mais particularmente do curso *Sociología de la imagen. ¿Post-Pandemia?*, ministrado por Silvia Rivera Cusicanqui. A feminista, historiadora e socióloga Silvia Rivera Cusicanqui (1949-) é uma importante referência do pensamento descolonial que atua na América Latina. Porque suas elaborações acerca da imagem partem do cotidiano, do trabalho manual, do fazer e saber invisibilizado pelo efeito das hierarquias de poder no que diz respeito à raça, à classe e ao gênero, ela se tornou-se uma das principais referências da minha tese. Não só referência teórica da tese sobre a produção de imagens acerca do leite, da amamentação e da maternidade, mas também referência de práticas libertadoras na vida cotidiana de uma pesquisadora mãe.

Há alguns anos venho acompanhando por textos e vídeos as publicações da autora, então foi uma alegria imensa ter sido selecionada para a cátedra, da ordem da navegante que teria a oportunidade de conhecer pessoalmente a sua estrela-guia do sul. Na mesma medida da alegria, metade de mim se doía com profundos medo e luto de deixar o filho de quatro anos por praticamente um mês. Depois do desmame, seria essa a segunda grande separação, em meio a uma pandemia.

Foi uma viagem de 28 noites contadas em um desenho espiral bordado num tecido azul, onde cada dia era representado por uma estrela amarela. Uma pedrinha foi dia a dia saltando de uma estrela a outra para configurar a materialidade do retorno da mãe. Vai e vem. Foi uma viagem iniciada sob excepcional tensão, uma vez que atingíamos em janeiro daquele ano outro pico de transmissão de covid-19, os laboratórios estavam sobrecarregados, os testes de viagem extremamente escassos e com valores exorbitantes, os hospitais com alta em internações e toda aquela incerteza que acompanhou a chegada de mais uma variante, a Omicron. No dia anterior

à viagem, depois de o laboratório que me prometera o exame PCR não ter enviado o resultado, obrigatório para entrada na Bolívia, eu quase desisti. Fui. Decidi que poderia não dar certo, mas eu tentaria até onde minha agência alcançasse. Arranjei um PCR de última hora com um pouco de sorte e contando com a ajuda de muitas pessoas no próprio aeroporto de Guarulhos. Estava eu com todos os documentos necessários para a viagem em mãos, cinco minutos antes de fechar o *check-in* do voo de partida.

Eu sabia de antemão, entretanto, que depois de tantos anos numa relação de interdependência radical mãe/filho desde o parto, depois com o puerpério emendado na pandemia, algo poderia acontecer. Não algo necessariamente bom. Eu poderia não aguentar a saudade, o filho poderia adoecer, o companheiro responsável pelo cuidado do filho poderia colapsar ou qualquer outra coisa inimaginável. Com confiança no inimaginável, fui.

Os fragmentos que seguem são uma constelação formada por partes do diário dessa viagem. Ao condensar e sobrepor narrativas teóricas do curso, exercícios propostos por Silvia Rivera Cusicanqui, experiências vividas em grupo, citações de textos lidos e intercâmbios com a paisagem, tenho como objetivo construir, transmitir e reanimar no mundo um saber que decantadessa experiência. No meu caso singular, da experiência de um corpo que se bifurca e se conecta novamente com a forma de expressão do poema, ainda que por outra posição. De um modo mais amplo, trata-se da experiência que toca todos os corpos no que diz respeito ao ritmo constante das separações de formas antigas e abertura de espaço para formas que acolhem os afetos do momento. Essa metamorfose ou processo de morte/renascimento aqui é orientada por uma recuperação da memória especialmente atenta ao fato de que em uma paisagem colonizada como a dos Andes e a do Brasil, por exemplo, as palavras e as imagens, como diria Silvia, mais que designar a realidade, podem escondê-la. Trata-se aqui, portanto, de criar narrativas que desnaturalizam a fratura entre o que se fala, vê, escreve e o que se vive – que poderíamos chamar também de um trabalho de descolonização interna ou de descolonizar o próprio inconsciente.

16 de janeiro: baixei no aeroporto de El Alto espantada com uma grande montanha com pico nevado. À medida que o avião baixava, a montanha ia ficando mais alta que o avião. Faz frio. Chegar mais perto do céu é chegar também mais perto da lua, mais perto do sol. Me foi exigido pelo corpo que colocasse tudo pra fora pela boca. Depois os olhos também pareciam

**Figura 1**

Vania Alejandra Rueda  
Cañizares,  
Montaña, 2022, foto-  
grafia



querer sair. Mal de altura. *Soroche*. O corpo em um novo estado. As mudanças começaram. Subi até aqui para me transformar. O *soroche* é um rito de iniciação.

17 de janeiro: Fui ao mercado Sopocachi, situado nas redondezas de onde estou hospedada. O altiplano não é plano. La Paz é uma espécie de grande vale dividida ao meio por um rio que hoje já não se vê, cimentado. De um dos lados, mais forte a colonização espanhola; do outro, mais fortes as populações indígenas, majoritariamente quechuas e aymaras. A paisagem é linda e tira de verdade o fôlego, pelo menos de quem chega. Sente-se *Inti*, o sol, mais presente. Caminhei com muita dificuldade, abismada com os passos firmes e ritmados, porém nunca apressados, dos moradores locais. Muitas *cholas*<sup>1</sup> vendem nas calçadas uma variedade de ervas e frutas. E

1 Chola é um nome que designou genericamente as mulheres mestiças no início do processo de colonização em vasto território da América espanhola. Historicamente, por conta do racismo, foi utilizado com alta carga pejorativa. Na Bolívia, atualmente, há todo um movimento de recuperação da identidade chola como parte fundamental da identidade indígena nacional. Uma das manifestações dessa identidade é o modo de vestir, caracterizado, grosso modo, pelas duas tranças nos cabelos longos, comumente com chapéu de origem europeia, blusa que pode ser bordada e saia rodada chamada pollera. O acessório aguayo, um tecido com desenhos andinos, também é comumente utilizado como parte do traje; amarrado às costas, serve para transporte de comida, de crianças etc. Porque a questão da mestiçagem é fundamental para se entender a colonização e sua história, a identidade chola tornou-se lugar privilegiado no pensamento de Silvia Rivera Cusicanqui. Para a socióloga, a chola não é uma mistura de duas culturas ou duas raças que se fundiram e formaram uma identidade. Chola é uma subjetividade à margem da norma que se caracteriza por conviver o indígena e o europeu, muitas vezes em tensão, porém sem se fundir (RIVERA CUSICANQUI et al., 1996).

se vê, aliás, nos mercados do bairro forte cultura de feira como comércio bem instituído. Mesmo sem saber eu carregava uma pergunta enquanto mal andava e mal raciocinava: como dar forma a uma experiência de transformação? Resolvi começar pela comida. Comprei folhas de coca, *choclo* e queijo para o café da manhã.

À noite começou o curso de Silvia. Ela dá aula como quem dança. Aos meus ouvidos soa como uma música bonita. Um constante convite a despertar *los olvidos*. O curso acontece em *el Tambo*, um espaço que tem algo da magia e muito do trabalho manual dos integrantes do coletivo Ch'ixi, tanto nos detalhes cuidados da bioconstrução, quanto no quintal verdejante com *papas*, *tumbos*, calêndulas, alfazemas... Silvia entende *el Tambo* como uma “ocupação de baixa intensidade” – esse é um conceito militar que se refere à ocupação de territórios sem violência explícita. O pensamento de Silvia traça paralelos entre o colonialismo interno na Bolívia e as estratégias de guerra de baixa intensidade, evidenciando como formas sutis e contínuas de dominação operam sobre os povos indígenas por meio de mecanismos simbólicos, institucionais e cotidianos, além da repressão direta, também existente e contínua. Em *Un mundo ch'ixi es posible*, ela retoma essa ideia ao propor uma “teoria de baixa intensidade”, nos moldes de uma “teoria menor”, como alternativa às grandes narrativas acadêmicas. Valoriza, assim, formas de conhecimento situadas, sensíveis e entrelaçadas à vida cotidiana, como caminhos para resistir às formas naturalizadas da colonialidade que afetam o corpo, o pensamento e o território (RIVERA CUSICANQUI, 2018c, p.23). Silvia fala da ocupação de baixa intensidade de *el Tambo* com um sorriso contido que interpreto também como um convite contracolonial: ocupem os espaços. Originalmente *el Tambo* era um terreno abandonado, cheio de lixo, emprestado pela proprietária. Após a morte da dona da terra, e ao se realizar um ritual de presentificação das suas memórias com as suas cinzas, a filha herdeira da propriedade, radicada nos Estados Unidos, deu a chave do portão para o Coletivo. Essa imagem da chave para abertura da propriedade privada para uso coletivo a partir de rituais de presentificação da memória dos mortos me pareceu muito forte.

Somos no total 30 participantes do curso, 28 mulheres e dois homens. As apresentações dão ideia dos interesses e afazeres do grupo e revelam uma linha de afinidade surpreendente – ativistas, feministas, pessoas que lidam com hortas urbanas e agroecologia, artistas, professoras universitárias, curadoras, agentes comunitárias. Foi um deleite escutar cada pala-

vra. O curso parte da premissa de que olhamos para o mundo, ou melhor, percebemos o mundo predominantemente pela visão numa estrutura de percepção bastante limitada que poderia ser chamada de mirada masculina ou patriarcal, ou colonial, ou racializada, ou capitalista, tudo isso junto. A proposta, portanto, é desfamiliarizar a mirada e vincular a visão a uma imaginação ativa que possibilite conexões que não são comumente vistas. Silvia fala de um desconforto na academia que pode e que é atravessada por esse oculocentrismo acompanhado de um logocentrismo. Sendo esse, no entanto, um fato generalizado, ela frisa a importância da construção de um espaço de atuação onde quer que se esteja.

Exercício 1 proposto por Silvia: buscar palavras, expressões ou ditados vinculados à visão a fim de observar como se relaciona com o regime oculocêntrico.

O que os olhos não veem, o coração não sente; mau-olhado; ojeriza (de *ojo*, olho, em espanhol).

A ver, a ver, a ver, repetía antes de morirse  
 como si algo le tapara la visión del otro camino  
 ése que ella ya tenía delante de las narices  
 pero que la dirección de su cuerpo aún se negaba a tomar.  
 A ver, a ver, a ver, siguió insistiendo hasta el cansancio  
 mientras los que rodeábamos su cama queríamos ver también  
 si es que realmente algo visible,  
 un ángel o cualquier otra aparición,  
 metida de lleno en la asepsia de ese cuarto  
 podía darnos la clave médica de que algo estaba por pasar.  
 Después de que murió me sentí culpable  
 de haberla confrontado con sus fantasmas  
 a ver qué, mamá, a ver qué, a ver qué.  
 Y aunque nada había para ver, eso es seguro,  
 ella encontró, parece, el objeto que buscaba  
 porque de un minuto para otro se quedó muda  
 mientras yo con la pregunta en la boca  
 me fui rumiando las razones de todos los asuntos del mundo  
 que en la cadencia insoportable de su repetición  
 no tienen, no tienen y no tienen  
 ninguna respuesta (KAMENSZAIN, 2010, p.41).

Exercício 2 proposto por Silvia: escrever um sonho de pandemia (para entregar na próxima aula).

Lembro que disse ao meu filho que viria à Bolívia para aprender a semear estrelas. Para minha surpresa, dessas surpresas que se fazem presentes no cotidiano de quem convive com crianças, ele aceitou a justificativa sem questionar. Olho para cima e, de minha janela, vejo a lua cheia acompanhada das estrelas. Não faço ideia de como vou plantar as estrelas, mas tenho convicção de que preciso honrar minha palavra.

18 de janeiro: Conheci Virginia Ayllón, que hoje começou a ministrar o curso *Prácticas anarquistas en tiempos de pandemia y colapso capitalista*. Uma vitalidade e um conhecimento sobre o anarquismo e feminismo na Bolívia e no mundo que encantam. Uma surpresa maravilhosa na viagem. Poeta. Os gestos e palavras de Virginia fazem germinar em mim uma possível e quase impensável reconciliação com o poema.

Usei pela primeira vez o teleférico para chegar ao Centro. É impressionante passar por cima das casas e ver La Paz desse ângulo, de cima para baixo. A cidade tem uma extensa linha de teleféricos que sobem do baixo do vale até El Alto e descem.

19 de janeiro: Entre solavancos, sigo. Não há dia que seja calmo. A moça que mora no quarto ao lado positivou para covid. O *oroche* continua, o cenário não é bom. Fizemos uma desinfecção da casa com cloro. Queria deitar, mas me coube esfregar o banheiro.

À noite, na aula de Silvia me marcou profundamente o texto de C. Wright Mills “Sobre la artesanía intelectual” que está na origem do curso sociologia da imagem décadas atrás, segundo Silvia. Fiquei surpresa com Mills; o livro original, *The sociological imagination*, é de 1959, e num artigo anexo está ali didaticamente explanado uma metodologia que venho lenta e intuitivamente tateando, junto da tradição feminista, para minha tese. Uma metodologia que busque explicitar a conexão entre questões individuais e identitárias e as estruturas coletivas – sociais, históricas, econômicas e políticas. Uma metodologia, portanto, que permita enraizar o olhar no território, na materialidade e nas suas intrínsecas e nuançadas relações. O estudo de teorias estrangeiras e alheias a minhas experiências tinha provocado em mim um corte com a materialidade e com o território. Desde a maternidade que, no meu caso, convocou um urgente cuidado

da ancestralidade, já não era mais possível sustentar esse falar e pensar apagando o corpo-território. Afinal, ou considero e valido o imenso trabalho da maternidade como um precioso lugar de saber ou dou corpo à lógica de que a maternagem não é um trabalho e, portanto, habito a mortífera ideia de estar em falta em relação aos colegas que tomam somente as referências letradas. Mais que isso, defender o conhecimento vindo de uma relação de trabalho cotidiano como cuidar da casa, cuidar do quintal, criar filho ou ainda plantar uma roça, construir instrumentos para o trabalho, cozinhar, fazer um rito comunitário, como um saber tão importante quanto o proveniente dos livros me parece de extrema importância. Isso porque, no nível das intensidades, se produzem saberes diferentes que são suplementares e me parecem fundamentais para a biodiversidade dos saberes. Em resumo, isto é o que Mills defende: não separar a vida do trabalho de pesquisa. Dito de outro modo: as angústias identitárias atravessam o trabalho nas ciências sociais e nas artes. É preciso reconhecer que toda experiência de vida pode implicar uma aprendizagem. Na pesquisa, isso pode significar a organização de um arquivo que inclua nas fontes a própria vida e necessariamente implica uma reflexão cotidiana constante a partir das nossas ações.

Essas reflexões acerca da “biodiversidade de saberes”, levaram-me ao pensamento de Antônio Bispo dos Santos, também chamado de Mestre Nêgo Bispo, reconhecida liderança quilombola. Nêgo Bispo enfatizava a importância de reconhecer e respeitar os saberes que brotam da terra e das relações comunitárias – de modo especial aqueles historicamente marginalizados ou invisibilizados pelo colonialismo, como os saberes indígenas, quilombolas, camponeses e afrocentrados. Para Nêgo Bispo, a escuta e a integração desses conhecimentos ancestrais não consistem meramente em os incluir nos modelos coloniais – impulso que a própria academia pode manifestar –, mas em respeitar um saber autônomo, comunitário e territorializado, que resiste há séculos à lógica da monocultura agrária e epistêmica e ao extermínio das diferenças. Assim como a cultura quilombola desde onde fala Nêgo Bispo, para Silvia, na cultura andina convivem esses saberes, tanto os saberes modernos ocidentais quanto os saberes indígenas comunitários e ancestrais. A partir dessa convivência Silvia propõe a noção de *ch'ixi*. Mais que um conceito, trata-se de uma prática – um exercício de olhar para o mundo – especialmente relevante no contexto da América Latina e em nações cuja ideia de nação se funde à mestiçagem. Para a socióloga, não se trata de negar a história da mestiçagem, mas de legitimar identidades múltiplas e modos de identificação além do

paradigma europeu. Isso porque o discurso da mestiçagem nesses territórios tentou e tenta insistentemente operar o apagamento do não branco. *Ch'ixi*, termo aymara que designa o cinza produzido por listras brancas e pretas na tecelagem, simboliza uma coexistência em que as cores não se misturam nem se apagam, mas convivem lado a lado. Em sua obra, Silvia defende a valorização dessa convivência – marcada não pela harmonia, mas pela tensão e pelo conflito – que permanece viva na experiência social, ainda que muitas vezes seja ocultada, invertida ou hierarquizada na linguagem cotidiana, nas imagens e no discurso da nação.

Exercício 3 proposto por Silvia: escrever uma página que fale de um evento da biografia e de um livro que causou uma ruptura, uma mudança, uma epifania.

20 de janeiro: Acordei cedo para fazer os exercícios 2 e 3.

Exercício 2:

No início da pandemia, sonhei repetidamente com meu filho se afogando.

Em um dos primeiros sonhos lembro que meu filho estava se afogando em um lago e eu gritava com todas as forças do meu corpo para que alguém ajudasse. Alguns jovens tomavam banho no lago, um deles era famoso, Neymar, o jogador de futebol. Os jovens, risonhos e relaxados, estavam apáticos diante dos meus gritos. Andava com dificuldade por causa da água, gritava e chorava. Quando finalmente alcancei meu filho e o peguei em meus braços, ele estava morto-vivo.

Naquele dia eu acordei muito angustiada. A sensação de segurar uma criança morta-viva em meus braços habitava meu corpo. Um pouco disso eu experimentei quando tinha seis anos e meu sobrinho quase morreu em meus braços. Meu sobrinho, até hoje, não fala. Lembrei também nesse dia do meu pai engasgando por falta de ar em um respirador sem sedação dois anos antes. Vim correndo dos Estados Unidos, com a casa na mala, filho e marido para estar perto. O respirador fazia meu pai viver, mas não o deixava falar.

Às vezes é necessário não falar, não forçar as palavras. O corpo não pode suportar uma ferida aberta. Aguentei as noites sem dormir até conseguir pronunciar: tenho medo de perder meu pai (que tem menos de 20% dos

pulmões funcionando) e meu filho. *Anguere* em latim: estreitamento da garganta, asfixia, afogamento.

### Exercício 3:

A experiência da vida adulta que impactou meu olhar, mais do que impactou, fez desmoronar o olhar que me constituía em grande parte, com certeza, foi o parto e, mais do que isso, a amamentação em uma cultura estrangeira. Chamei esse período de queda no leite. A amamentação jogou meu corpo no esquecimento profundo do mundo letrado. Quando o leite desceu, o pouco pouquíssimo de inglês que me habitava desapareceu. Depois fui perdendo também o domínio que achava ter do português. Esquecia as palavras com frequência. Para mim, que era formada em letras e que me identificava como poeta, foi uma experiência estranha. Foi um momento de suspensão das metáforas. Foi a coisa mais difícil e suave do mundo sentir a carne crua das palavras que não se encaixavam em mim. Ser expulsa do meu lugar como sujeito longe da mãe, longe da língua materna. Eu me senti completamente fora de mim. Eu senti o mundo. Eu era toda raiz. Eram aqueles galhos marrons olhando pela janela para mim e as veias verdes saltando no meu peito. O mundo tornou-se um emaranhado de fios. Só o contato fazia sentido. Era uma existência metonímica. O corpo estava aberto, os limites do corpo estavam abertos. Meus olhos tocaram tudo, e eu estava sendo de lá. Exigiu-me um excesso de alteridade. O bebê não entende o significado das palavras. Não adianta cantar do banheiro: “Vou embora.” A tranquilidade só vem da amamentação, às vezes com o colo, sempre com o contato. Então, houve uma espécie de retirada das palavras para se comunicar com o bebê e, portanto, um despertar de algo do bebê que um dia fui.

Essa experiência do leite concomitante aos cursos de doutorado em Harvard foi absolutamente inquietante. Do lado do leite, ou seja, da relação com o bebê, eu vivia um tempo diferente, não o tempo produtivo do relógio. Além disso, ocupava o espaço além da imagem espelhada. Era um espaço de interdependência radical de tudo o que existia, portanto, não era a camisa de força do sujeito autônomo. Por parte da instituição, a demanda foi exatamente oposta. Não só da instituição, a demanda pelo tempo produtivo do sujeito autônomo veio da organização e arquitetura da cidade, dos círculos sociais etc. O sentimento era de hostilidade direta ou disfarçado de idealização desvinculada da realidade que, apesar de chamar a experiência de bela, não a validava como trabalho, por exemplo.

Tampouco aceitou de bom grado a estética do leite pingando, das tetas salientes, do discurso não linear ou dos silêncios das palavras que escapam. Como muitas novas mães, nunca tinha ouvido falar dessa profunda crise de identidade que pode surgir no pós-parto. Pelo menos com esse nome e diretamente. Nesse momento encontrei o livro de Suely Rolnik *Esferas da Insurreição: notas para uma vida não cafetinada*, que me abraçou profundamente e me fez acreditar que eu não estava louca. O livro me dizia que, nos casos em que há uma desestabilização por uma experiência intensa, a subjetividade se encontra tensa entre dois movimentos, um renovador e outro reacionário. Por um lado, não saber é mágico porque abre muitos mundos, o nascimento de um novo olhar. Este é um ponto de abertura para outra forma de existência, ligada à germinação da vida. Embora seja necessário suportar um vácuo de palavras, até de imagens e uma lenta germinação para que finalmente nasça essa outra forma de ver e ser. Por outro lado, há uma pressão muito forte para os modos conservadores de ser do poder que se materializam em torno do retorno: retornar rapidamente ao estado anterior. No meu caso, voltar a ser vista, voltar a ser reconhecida como sujeito autônomo, como mulher, voltar ao trabalho remunerado, voltar ao corpo de antes, voltar às palavras de antes, voltar às sensações de antes. A exigência de voltar era recorrente e insistente, pertencia ao mundo e também era minha. Aprendi isso com Suely: reconhecer os traços coloniais racializados da minha subjetividade, ou seja, dos meus desejos, e me confrontar constantemente com isso.

Essa noite tive um sonho que elaborou as intensidades de ontem. Sonhei com a queda de um avião sobre minha cabeça. O avião ia fazer uma volta para mudar de direção e num movimento rápido foi tragado para cima e começou a cair. Eu estava acompanhada por Aielén, estávamos em morros cor de terra. Olhávamos para cima e tentávamos correr para escapar do avião que se movia erráticamente no céu. Conseguimos fugir da fuselagem do avião. Encontro então minha mãe e a presidenta Dilma correndo também. Seguimos por caminhos muito estranhos. Como se tivéssemos que atravessar rodovias, em que carros e caminhões em alta velocidade não paravam. Não lembro bem do que fugíamos. Lembro que antes de me afastar, pensei por um momento que eu poderia falar com os investigadores e dizer o que eu vi. Mas cheguei à conclusão de que era melhor fugir pela vida sem dar satisfação para a polícia. A paisagem era montanhosa e sem muita vegetação. Era uma paisagem andina.

Aielén e eu fomos conhecer o Museu Etnográfico no Centro. Aielén é argentina de Rosário e vive em La Plata onde faz o curso de música. Temos trocas que fluem, com escuta e delicadeza. Caminhamos sempre juntas para *el Tambo* já que estamos alugando quartos na mesma casa. É excelente companhia, mas gosta de olhar o *google maps* para caminhar nas ruas, o que impossibilita algo muito precioso para mim, perder-se. Isso terei que fazer sozinha.

Depois da aula de Virginia Ayllón muitas de nós fomos para *La Virgen de los Deseos*. No caminho, Gloria, professora universitária de ciências sociais chilena, portadora de uma ironia fina e constante, nos mostrou a Calle Aspiazu, onde ela diariamente observa com muita surpresa *cholas* construindo a calçada. *La Virgen* é uma das bases do coletivo Mujeres Creando.<sup>2</sup> Quem nos serviu a cerveja e a hamburguesa de quinoa foi a própria ativista anarco-feminista María Galindo. Fomos em grupo para uma fala nomeada: *¿Apropiación o revalorización de la comida ancestral y popular desde la alta cocina?*, de Emiliana Quispe, também integrante de Mujeres Creando e encarregada da cozinha de *La Virgen* que conversou com o chefe e antropólogo Julio Canedo Rosso.

O professor chefe antropólogo falava bem articulado e bastante, mas era demasiado evidente ali que a revolução buscada e atuada era sem o excesso de palavras e na cozinha cotidiana.

21 de janeiro: Aula sobre as fotografias que Pierre Bourdieu fez enquanto estava na Argélia durante a guerra de libertação em contraponto ao filme *A Batalha de Argel* (1966) de Gillo Pontecorvo e mediado pela leitura do texto *El ojo intruso* como pedagogia, da própria Silvia.

É notável a preocupação ética do jovem Bourdieu em fotografar uma parte da cultura árabe que está desaparecendo por conta da invasão francesa. Também é sensível, sobretudo se colocadas em comparação com as imagens do filme de Pontecorvo, que Bourdieu evita de uma maneira muito pungente fotografar os soldados franceses que estavam todo o tempo em quase todos os lugares. O foco das imagens são os árabes e sua cultura. Ao

<sup>2</sup> Mujeres Creando é um coletivo feminista anarquista boliviano que atua, entre outros modos e lugares, com performances nas ruas e graffitti. Uma das suas integrantes mais conhecidas é María Galindo.

lembrar que Bourdieu vai a Argélia como parte do exército francês, Silvia nos pergunta como nos posicionamos ao olhar para o mundo.

Silvia nos convoca a pensar sobre a posição voyeurística, isto é, uma posição distanciada do objeto fotografado. Quando o que é fotografado ou analisado é o outro, muito provável ocupamos uma posição voyeurística. Esse labor intruso carrega o risco de obliterações bastante significativas, de não mostrar o que não queremos ver, de não falar com precisão aquilo que nos toca. Materialmente falando, é sensível que se trata de fotos furtivas, pois em quase todas as vezes aparecem de costas e sem nome.

No fim da vida, aliás, essa é a leitura de Silvia, Bourdieu elabora essa sua mirada colonial a partir da montagem de um ensaio que expõe e trabalha quase sublinhando esse caráter intruso-voyeurístico e produzindo sobre ele uma reflexão crítica.

Yvette Delsaut escreveu um texto sobre mim no qual dizia muito acertadamente que a Argélia é o que me permitiu me aceitar. Com a mesma perspectiva de compreensão do etnólogo com a qual eu olhava para a Argélia, pude também me ver, ver as pessoas da minha terra natal, meus pais, o sotaque do meu pai, da minha mãe, e reapossar-me de tudo isso de maneira totalmente desdramatizada — pois esse é um dos grandes problemas de todos os intelectuais desenraizados, presos na alternativa entre o populismo ou, pelo contrário, a vergonha de si ligada ao racismo de classe. (BOURDIEU apud SCHULTHEIS, FRISINGHELLI, 2011, p.48-49).<sup>3</sup>

De modo geral, será que em grande medida o que se chama arquivo do Ocidente poderia ser pensado a partir desta perspectiva: um constante exercício de ir salvar escombros de tudo que a sociedade ocidental do pesquisador está destruindo? Se fosse esse o caso, haveria um trabalho enorme pela frente de transferir a mirada do outro para a mirada a sua própria cultura.

22 de janeiro: Muito muito cedo, umas 6h30 da manhã, Marcela, uma colombiana também mãe e que tem um olhar leve e generoso para o mundo,

3 Tradução minha do original: Yvette Delsaut escribió un texto al respecto donde decía muy acertadamente que Argelia es lo que me ha permitido aceptarme a mí mismo. La mirada de etnólogo comprensivo que he dirigido a Argelia pude dirigirla hacia mí mismo, a las gentes de mi país, hacia mis padres, al acento de mi padre, de mi madre, y recuperar todo ello sin drama, que es uno de los grandes problemas de todos los intelectuales desarraigados, atrapados en la alternativa del populismo o, por el contrario, de la propia vergüenza ligada al racismo de clase.

passou aqui em casa para irmos a Plaza España encontrar Deysi, uma chilena que trabalha com projetos incríveis de hortas urbanas em Valparaíso. Partimos com uma van para as proximidades do Illimani. Fui descobrir agora que o Illimani é aquela montanha que eu vi quando o avião descia. Ela pode ser vista, quando se deixa ver, de La Paz. Me dei conta de que há muitos anos, mais de 15?, não acampo. Fomos recebidas por uma família local, a família de Paulina, que nos ofereceu alimentos preparados muitas vezes ali mesmo no fogo, e o serviço de guia. Caminhamos muito subindo e descendo. Na subida aquela sensação de estar no limite, parar para conseguir respirar. Era quente. À noite, fomos ao *pueblo* de Cayambaya comprar cerveja, quando voltamos, ficamos ali, aos pés no Illimani, escutando os ruídos da montanha. Era frio. Observamos o fogo e comemos a comida maravilhosa preparada por Paulina.

23 de janeiro: Quebrei pela primeira vez os protocolos da covid, dormimos quatro em uma mesma barraca. Choveu muito durante a noite. Me doem as costas. Acordamos com névoa. A névoa me abraça como o mar e, misteriosa, vai cobrindo e depois descobrindo a paisagem. Caminhamos por muitas horas na chuva e descobri que a noção de perto e longe é bastante distinta para os Ayamara. O *aquicito*, por exemplo, que poderia ser interpretado como “aqui pertinho”, implica pelo menos uma hora ou uma hora e meia de caminhada. Conhecemos os vales verdes e produtivos que fornecem alimentos para o povoado e para La Paz. Colhemos maçãs, pêssegos e *tumbos*. Aprendemos muito sobre a produção dos alimentos e o nome de muitas plantas e coisas. A maior parte dos nomes ayamaras ouvidos assim uma ou duas vezes, não consigo recordar. Me lembro bem da planta chamada *koa*, que tinha em toda parte sobretudo no caminho da montanha e que deixava a caminhada com cheiro que não sei descrever, talvez mentolado, um aroma marcante e bom.

Acabamos conhecendo com profundidade o trabalho de Sandra Carvajal, boliviana, assistente social e nossa colega do curso. Foi ela quem nos convidou para esse passeio agroecológico. Sandry e Katerine Fernández fazem um trabalho imenso com comunidades agroturísticas por intermédio do coletivo Red Polinizar. Elas fazem essa ponte entre a cidade e o campo de uma forma que me pareceu muito respeitosa e com um claro objetivo educacional: de fazer a cidade ver a importância da produção agroecológica, isto é, o quanto o processo agroecológico envolve um modo de vida que respeita o ambiente e que promove a vida. O trabalho é de mão dupla, no campo a Red Polinizar convida as famílias indígenas a recuperar

os saberes tradicionais, a mostrar modos de cozinhar, saberes medicinais, artesanato, modos de plantar, modos de viver comunitários. Além disso, convida as comunidades agroprodutoras a assumir a organização do agroturismo, entendendo, portanto, seu papel de mediadora como temporário. Percebemos que no povoado de Cayambaya, e segundo Katherine é um tema geral nas comunidades campesinas, há uma recente entrada de produtos industrializados, de aditivos químicos, de plásticos, da indústria têxtil internacional nos modos de vestir, enfim, da reprodução dos valores que vêm da cidade e que destroem a vida comunitária e o ambiente. Contraditoriamente, ou aparentemente de forma contraditória, segundo Katherine, o problema foi acentuado de maneira gravíssima com as políticas estatais de desenvolvimento do governo de esquerda Evo Morales. Por meio da construção de escolas, centros de saúde e incentivo ao agronegócio, o efeito dessas políticas foi minar a autonomia organizativa das comunidades, causando uma grande desestruturação dos saberes e fazeres daqueles locais. Isso me causou certa perplexidade e, ao mesmo tempo, me fez entender um pouco melhor o porquê da força dos movimentos anarquistas nos círculos por onde andei.

24 de janeiro: De volta a La Paz e ainda sentindo bastante a presença no corpo da experiência em Cayambaya. Sinto uma inflamação muscular terrível na parte superior esquerda das costas e muita vontade de caminhar. Caminho até o Centro da cidade para conhecer o mercado das bruxas. Comprei uma calça que estava me fazendo falta.

Ganhei dólares, euros e bolivianos em miniatura da Silvia e de muitas colegas do curso.

Acontece que, cada 24 de janeiro se inicia a Feira de Alasitas, que é uma feira muito ancestral, de fato “alasitas” vem do verbo da língua indígena aimara *alasitasña*, que quer dizer comprar. A feira celebra o deus andino Ekeko, que é o deus da abundância e o que caracteriza essa feira é a crença de que o que você comprar em tamanho miniatura, Ekeko te devolverá em tamanho real durante o ano; por isso é a feira da miniatura. Os finos artesãos do meu país elaboram miniaturas de tudo para a feira: dólares e euros em miniatura, casas e carros em miniatura, roupa, produtos alimentícios, computadores, celulares, tudo, tudo, incluindo a comida: uma confeitaria em miniatura impressionante e deliciosa! Desde a criação da Bolívia em 1825, vários escritores começaram a publicar jornais em miniatura para essa feira em que zombavam do poder e dos poderosos, por isso o anonimato era importante. Eram jornais também artesanais e seus nomes (como os que estão no texto) eram os mais zombadores. A globalização também atacou os jornaizinhos de Alasitas porque os grandes jornais do país começaram a publicar seus jornais em miniatura, deslocando os anônimos e belos jornaizinhos. Este texto é um protesto por tão injusto feito, ao mesmo tempo que uma homenagem a esses jornaizinhos anônimos. (AYLLÓN, 2021, p. 3-4)

Na aula hoje falamos a partir do texto de Frederic Jameson *Imágenes y postmodernidad*. Para Silvia, o princípio da mirada é recíproco. O modelo disciplinário, como descrito por Foucault em *Vigiar e punir*, por exemplo, rompe com essa reciprocidade e faz o dominado visível e o dominador invisível. Isso me tocou profundamente também nas reflexões de subjetividade acerca da criança. Sabendo que a nossa mirada é estruturalmente condicionada às hierarquias de poder, e que é no olhar que volta do outro que nos constituímos, não seria muito importante acolher como central o olhar da criança? O olhar da criança não inserido de todo ou pelo menos não cristalizado nas hierarquias é pedagógico. Fico pensando que é um pouco isso que Silvia busca na sua metodologia, ela que é mãe de quatro filhos, ver tudo com a curiosidade da criança, como se fosse a primeira vez, contrastando com a mirada hegemônica e, consciente da história dessa hegemonia, abrir-se a outros modos de se relacionar com a alteridade, portanto, a outros modos de ser na reciprocidade.

25 de janeiro: Menstruação, dor muscular, desânimo e agonia.

Recebo uma mensagem de pedido de ajuda não nomeado de uma mulher que em vez de pedir ajuda e falar que estava angustiada, jogou sobre mim sua angústia, frisando que meu filho não estava bem e que meu marido estava numa situação muito, muito delicada. Nota mental: quando eu sair da fossa e voltar de viagem, refletir se dou um toque na pessoa acerca do patriarcado e seu potencial destrutivo dos vínculos de vida, de apoio e sororidade ou se corto vínculo, ou nenhuma das duas coisas.

26 de janeiro: Aula a partir de Walter Benjamin e Berger.

Exercício 4 proposto por Silvia: recuperar a narrativa de uma foto que não tirei, por algum motivo. Todos os exercícios são facultativos, sempre.

28 de janeiro: Me sinto dividida. Um pouco cá, um pouco lá. Falei um pouco com minha analista Lucia pela manhã. Cuidar da palavra é cura.

Saímos da aula de Silvia dispostos a comemorar o aniversário de Gloria. Compramos tragos num quiosque, conheci o vinho de Tarija e o cingani de Tarija. Bebemos e conversamos em *La virgen de los deseos* e, por fim, decidimos sair para dançar. Fomos num lugar praticamente vazio, *La resistencia*, onde dancei numa presença quase transe por muitas horas. Segunda vez que quebrei os protocolos da covid, sem arrependimentos.

29 de janeiro: Não tive ressaca, mas precisei descansar o corpo cansado.

30 de janeiro: Fomos na feira de El Alto, chamada *feria 16 de julio*. A feira é muito, muito, muito impressionante porque parece sem fim. Como se uma feira que vendesse de tudo, novo ou usado, ocupasse todas as ruas da cidade. El Alto era um bairro de La Paz e tornou-se uma cidade autônoma em grande medida por conta do crescimento rápido entre outras coisas, relacionado ao aeroporto internacional. Ali se concentra a *burguesía chola*, enriquecida com comércio informal. Desenvolveu-se aí uma arquitetura singular que tem a ver com o mostrar a opulência e a riqueza por meio de excessos chamada *Cholet*. Entre o mundo *cholo* e o *chalet*, aparecem prédios de até sete andares que me remetem a uma mistura de algo de um modernismo futurista pelo uso dos vidros espelhados e cores vivas e desenhos geométricos andinos. Os *cholets* mais famosos, no entanto, são os que personificam robôs, super-heróis e vilões norte-americanos.

31 de janeiro: Deixei as leituras da aula de lado para participar da Marcha de Las Mujeres contra las violencias machistas y contra la corrupción de la justicia. Foi uma marcha histórica: numerosa, dolorida, forte. No fim de semana, Gloria, que está hospedada na *Virgen de los deseos*, já tinha me dito que algumas famílias de mulheres violadas tinham ido até a casa de um violador e estavam buscando por justiça. María Galindo foi chamada para intermediar a situação. O violador era Richard Choque, homem preso e condenado pela justiça em 2013 por assassinato de uma jovem, com histórico de outras violações sem direito a condicional. Mediante propina, porém, foi solto sob uma falsa alegação de doença grave. Nesse período de soltura violou mais de 70 mulheres e assassinou outras tantas. A Marcha foi chamada nesse insuportável da indignação, da raiva pela injustiça e desse horror de não poder contar com uma justiça que tem a prática de libertar feminicidas mais para comum do que para excepcional. Foi María Galindo quem chamou a Marcha que sairia de El Alto até La Paz, em frente ao Ministério da Justiça. Eu fui cedo para El Alto sozinha, onde tive a oportunidade de me perder. Encontrei a Marcha no início e me juntei a quantidade expressiva de mulheres, crianças e homens, familiares das vítimas que clamavam por justiça. Eu andava ali no meio daquelas pessoas que eu nunca tinha visto e me sentia inteira participante daquela indignação. O feminicídio e a violência contra as mulheres desconhece fronteira de país. Caminhamos umas três horas. Foi muito forte e muito bonito, muito duro. No mesmo dia o ministro da Justiça marcou reunião com María Galindo para conversar sobre a soltura ilegal de violadores.

Na aula, Silvia falou um pouco sobre álbuns da nação. Ela elaborava e nos fazia questionar quais as relações que estão em jogo na sintaxe da imagem entre o eu (fotografado, normalmente objetificado, o índio, a índia, a negra, o negro), o tu (fotógrafo) e o ele/ela (observador da fotografia, normalmente masculino) em finais do século XIX com a emergência dos discursos nacionais.

Exercício 5 proposto por Silvia: fazer um álbum de família: explorar as memórias familiares, criando uma visão crítica do álbum.

1 de fevereiro: limpamos a casa, almoço coletivo, li, assistimos, Aielén, Sara, Vladimir e eu, ao filme *La nación clandestina*, de 1989, dirigido por Jorge Sanjinés. O filme fala dessa cisão na subjetividade do indígena que vai para a cidade e que tenta retornar algumas vezes a sua comunidade aymara de origem. A estratégia narrativa me pareceu genial, uma vez que o personagem principal Sebastián Mamani retorna uma última vez para o seu povoado com uma grande máscara nas costas com a intenção de dançar até morrer. Enquanto caminha da cidade ao campo, ele vai recordando a sua vida com nuances históricas importantes num constante pra frente pra trás, capturado na imagem poética da máscara que caminha olhando para trás. Depois de assistir ao filme, conversamos um pouco e descobrimos que não se trata de uma metáfora. O ritual da *danzante* existe como rito de dança e morte, um entre outros muitos que ritualizam a morte e, portanto, a vida, de uma maneira completamente distinta do Ocidente.

2 de fevereiro: sonhei que estava encarcerada numa espécie de hospício ao ar livre e perto do mar. Acho que tem a ver com a leitura de Foucault.

Hoje acordei muito disposta à virada. Cantei a lemanjá, me vesti de branco, me perfumei e fui para *el Tambo*. Na Bolívia, em 2 de fevereiro ocorre a cerimônia da Candelária. Fizemos um *apthapi*, rito no qual cada pessoa leva uma coisa, o melhor da colheita, para compartilhar. Silvia falou da abundância do comer em comunidade, diferente de quando um só coloca tudo. Depois preparamos dois pratos de comida que continham toda aquela diversidade para oferenda. Um prato em memória a dona do local e outro a *pachamama*, a terra. Depois colheram-se as primeiras batatas do ano de plantio. Por fim, seguimos bendizendo as plantações todas com flores, açúcar, enfeites e álcool. Foi muito, muito bonito estar ali naquele rito.

4 de fevereiro: Sinto a presença muito forte da morte e não sei muito bem onde a situar.

Tento escrever um pouco sobre o álbum de família, mas percebo que é um trabalho imenso e que não darei conta de fazer na Bolívia.

Caminhei até o Centro que antes eu achava longe e agora acho pertinho, sobretudo se pego a Calle Equador até Azpiazu e desço três quadras até a Avenida 6 de Agosto, daí já estou na Plaza del Estudiante perto da Universidade Mayor de San Andrés, praticamente no Centro.

5-7 de fevereiro: fomos Aielén, Gloria, Deysi, Marcela e eu para a Ilha do Sol.

Saímos do Cementério general de La Paz por volta das 7, com cafezinho colombiano de Marcela. Fomos conversando Aielén e eu no ônibus, onde continuou uma troca profunda que já havia começado vez ou outra na sacada do meu quarto. Chegamos em Copacabana por volta das 11. Fomos almoçar um ceviche na praça central. Depois pegamos um barco até a Ilha do Sol. Duas horas navegando no Titicaca. Chegamos no porto sul e nos encontramos com uma gigantesca escada pré-colombiana que leva ao *pueblo*. Nos hospedamos no hostel no meio do caminho.

Depois subimos para *el pueblo*. Uma ilha sem carros. Uma ilha sem asfalto. Caminhamos. Desfrutamos nosso terraço que tem a vista para o lago Titicaca e depois fomos ao restaurante Pachamama ver o pôr do sol e jantar. Tudo lindo, choramos de emoção de estar presentes ali. Voltamos para nossa varanda. Bebemos *cingani* e *chufflay*, *cingani* misturado com refrigerante. Acordamos com ternura. Saímos para caminhar. Choveu forte. Nos separamos. Caminhei com Deysi e Marcela, caminhei em transe por uma paisagem vibrante. Sobre rochas gigantescas que formavam pequenas cachoeiras. As pedras daquele lugar têm vida. Marcela disse que se enamorou de Silvia quando ela disse que mesmo as pedras têm vida ainda que a sua inspiração leve 400 milhões de anos e a expiração outros 400.

No meio da caminhada paramos para comer umas lascas de bolachas que Deysi providenciou magicamente, pois a comida do grupo acabou ficando na mochila daquelas que voltaram. Estava muito cansada para falar, contemplamos a paisagem em silêncio. Olhando o chão eu via as folhas vibrando: por baixo delas, formigas caminhavam. Eu via o ritmo das formigas e me sentia parte da paisagem. Andamos até a ilha acabar ao norte,

onde encontramos ruínas incas, espaços de antigos rituais e, ali perto, um pequeno povoado. Pagamos um barqueiro para nos levar de volta, porque já não podíamos andar e anoitecia.

7 de fevereiro: Voltei com uma energia muito forte da Ilha do Sol. Tudo parece vibrante.

A aula hoje foi sobre o processo de pesquisa e de construção coletiva que resultou, além de numa exposição, no livro *Principio Potosí Reverso*. Está sempre em jogo o risco de projetar uma metodologia pronta em um tema novo. Sobretudo quando o pesquisador vem de fora e não dá o espaço e o tempo para abrir uma relação com o objeto. Isso me tocou muito profundamente. Foi uma das minhas aulas preferidas.

8 de fevereiro: Fomos eu e Aielén para a Rua Aspiazu e depois para o encontro a fim de realizar o trabalho final do curso em *La Virgen*. Conversei um pouco com Darío, que é um grande dramaturgo e ator boliviano (e secretamente argentino) no eixo tragicômico. Me dou conta de que realmente não me acomodo bem nem na comédia nem, muito menos, na tragédia. Volto a me aproximar do poema. Eu me considerava poeta antes de ter filho. Depois, essas formas me pareciam uma hiperinflação simbólica, eu queria o menos de palavra possível. Vivia a poesia, tinha consciência disso, em carne viva. É cortante. Agora, com a viagem, eu posso dizer com toda a dor do mundo e com toda a alegria também, finalizei o desmame e posso fazer as pazes com o poema. Isso porque é na palavra que alcanço seguir vivendo a poesia o mais próximo da carne viva. Ela corta o tempo e a linha, fragmenta como as memórias do corpo na relação com o mundo.

Chorei como criança depois num bar tomando *té con té*, chá quente com *cingani*. Abracei uma mulher visivelmente embriagada que velava atrás do cambaleio um sofrimento profundo, a abracei e chorei com ela num silêncio que dizia muito.

9 de fevereiro: Estranhamente menstruei de novo com muito sangue, parece uma hemorragia. Saída de campo: fomos caminhar pela cidade com Silvia. Visitamos o Mirante Killi-killi, um dos pontos foco da resistência indígena comandada por Tupac Katari em 1781. Depois visitamos alguns museus para observar como a iconografia dominante, aquela dos álbuns nacionais, apresenta as figuras que resistiram ao colonialismo espanhol. Tupac Katari, por exemplo, é mostrado sempre subjugado, no momen-

to de sua tortura e morte. Uma imagem que apaga uma vida inteira de resistência e que transmite com precisão o que ocorre com os que agem contra o poder colonial.

Caminhamos Gloria, Marcela e eu para entrevistar, como parte do trabalho final, o sindicato independente de mulheres construtoras. Foi uma experiência muito forte, ocorrida numa igreja não muito longe da Plaza San Francisco. As três mulheres, representantes do sindicato nos contavam que no sindicato a maioria das mulheres havia chegado na construção civil por falta de opções, quase todas tinham filhos e todas tiveram relacionamentos abusivos e violentos. O sindicato era um modo de se organizar e criar uma comunidade que se cuida e autogestiona, para além de exigir igualdade de direitos num mundo ainda predominantemente masculino que favorece legal e financeiramente (no caso de empréstimos para compra de maquinário) os homens. Essas mulheres do sindicato, em sua maioria, não têm casa própria. Nutrem o sonho de um dia poder construir também a sua casa.

Depois da entrevista, depois das trocas que tivemos, que não podem ser traduzidas em palavras, depois daquela aula magistral e depois de tantos relatos de violência, sentimos necessidade de caminhar. Andamos do Centro até o aniversário da Ale, outra companheira do curso. Enquanto ainda estávamos caminhando pelo Centro, de repente, no fim da tarde, o Illimani se mostrou no caminho. Ele tem uma força que muda a paisagem. Os três picos, suas três cabeças nevadas, com o vermelho do céu no poente entram no corpo da gente.

Gloria e Aielén também menstruaram.

Já vem chegando uma sensação de últimos dias, uma tristeza ameaça aparecer. Logo se descobre que estou vivendo o que estou vivendo porque tenho para onde voltar.

10 de fevereiro: Estou com Gloria fazendo o trabalho final em *La virgen*. Vejo uma fila imensa numa entrada ao lado. Gloria me conta que Mujeres Creando abriu uma linha de telefone e espaço presencial para atender vítimas de violadores soltos ilegalmente ou ainda não presos. Me disse que há uma fila gigante todos os dias. María Galindo tem um programa de rádio, na Rádio DeseoFM chamado *mi garganta es un órgano sexual*. Sei que Silvia escuta o programa todos os dias. É um informativo diário de casos

em que o coletivo Mujeres Creando atua e pode ser acompanhado pela internet. Com isso, María tem um alcance bastante significativo. Soube também que recebe ameaças, até de morte, como é frequente com aquelas que desafiam as estruturas de poder mais endinheiradas. De repente, vem a notícia de que uma companheira positivou para covid. Ontem estávamos quase todas na festa da Ale, sem máscara. Desespero de poder ou não poder viajar. Largo tudo e vou fazer um teste. Saiu o negativo no mesmo dia.

11 de fevereiro: Fomos passar o dia em Tiwanacu, um sítio arqueológico pré-colombiano. Fomos Aielén, Gloria, Marcela, Deysi e eu. Nosso grupo de viagem e de trocas já bem consolidado em clima de despedida em um lugar com a energia também muito forte. A Porta do Sol. Mal acabamos a visita do sítio arqueológico caiu um granizo tão, tão forte, que a van mal conseguia andar na estrada. A paisagem ficou branca como se tivesse nevado. Era silencioso.

12 de fevereiro: Fomos eu e Aielén ao Centro para pegar algum dinheiro e algum presente. Chorei na van na despedida de tudo que a paisagem, a terra e as pessoas me deram.

Apresentação dos trabalhos finais, que foi longe de ser o ápice da elaboração. Ao mesmo tempo, foi um trabalho disparador de encontros, de conversas, de andanças e de uma primeira aproximação da cidade de La Paz. Depois, teve a exposição do filme *Voces de Libertad* (1989), cujo roteiro foi realizado por Silvia junto com Ximena Medinaceli. O filme é parte da importante pesquisa do Taller de Historia Oral Andina (THOA) acerca dos movimentos anarquistas e sindicais da Bolívia. No filme aparecem atuações justapostas a depoimentos de mulheres e homens dirigentes e fundadores de sindicatos anarquistas. Assim se recupera uma história até então de caráter oral da luta e resistência dos trabalhadores manuais bastante significativa e por muito tempo praticamente apagada da história dita oficial. Eu fui assistindo àquela curadoria, àquele cuidado com a memória e com a história e fui me emocionando muito com aquele trabalho que tocava profundamente os silêncios e vazios da minha própria história.

Um choro intenso apareceu. Fiquei de fato muito emocionada em estar diante de duas mulheres assim tão gigantes. Senti forte no corpo que me era transmitida uma tarefa, uma tarefa vital que eu nem sabia nomear. Chorava soluçando por receber essa tarefa que era também um dom. *Hoy recibí una tarea y no sé cuál es.*

13 de fevereiro: Nas escalas entre um voo e outro, pego o livro de Vick Ayllón, *Búsquedas: las discapacidades* e ali, como uma carta que chega ao seu destino, leio: “*Visitar a memória, tarea confusa, tarea vital*”. Como uma epifania a tarefa me aparecia assim, na escritura, visitar as memórias, cuidá-las como entes queridos, alimentá-las, construir um espaço de visibilidade para elas e cultivar espaços para silêncios, não saberes, imprevistos e até inimaginados. Começo a desconfiar de que tem a ver com isso o plantar estrelas.

Cheguei em casa. Comprei uma barraca. Troquei as cordas do violão. Peguei para ler a obra completa de Sophia de Mello Breyner Andresen. Reparo que a separação e a reconciliação caminham de mãos dadas. Reescrevo um poema:

rebento  
 depois do nó na garganta  
 ainda o amargo das cordas de couro que vincam na pele  
 a violenta dicção da cana  
 depois de habitar a palavra falta  
 no latim, angere,  
 vem da língua do colonizador a palavra angústia:  
 sufocamento, estreitamento da garganta, afogamento  
 depois de gritar  
 e depois de ser silenciada  
 a necessidade urgente de cultivar o istmo  
 corpo som  
 aprender a vibrar com os fios da vida  
 cordão umbilical, leite, rio, ramo  
 a palavra carregada de alma  
 com os guaranis, garganta: ñe’e raity:  
 ninho das palavras-alma  
 fecundar as cordas, o ar,  
 rebentar a vogal, consoante broto  
 descobrir outros cantos da boca, outras partes da língua,  
 irrigar o céu e o solo com respingos da saliva  
 uma criança aprendendo a falar  
 testemunho o nascimento de um mundo

### Con-sideração de fim-começo

Em um momento em que um mundo estava passando por um fim – antes e depois pandemia de covid – conviver a vida de pesquisadora acadêmica e de mãe parecia ser impossível. Havia uma fratura entre o mundo das palavras e das imagens que eu habitava e o mundo material ao qual a

maternidade havia me convocado. A pandemia havia potencializado esse abismo, e a falta de sentido em sustentar aquelas velhas imagens e palavras que operavam em mim profundo esquecimento. Junto dessa consciência de não caber nas palavras, também me atravessava um profundo amor pelo mundo e um constante reconhecer-me no que está fora e nos arredores como habitante do meu corpo. Essa contradição de sensações, vivida inicialmente como confusão, foi aos poucos dando margem a uma imagem. O mundo que eu – mulher branca descendente de imigrantes portugueses, alemães e italianos pobres do sul do Brasil, acadêmica da área de letras – até então sustentava nas minhas *performances* cotidianas era um “mundo ao revés”.<sup>4</sup> A viagem à Bolívia, a separação do filho pequeno, o curso Sociologia da Imagem, a escrita de um diário testemunha de uma viagem teórico-prática foram partes importantes no processo de transitar o fim do puerpério e o fim de um modo de estar no mundo e reconectar a partir de outro lugar com as palavras. Nas entradas de diário aqui apresentadas – ainda que marcadas por passagens triviais e aparentemente insignificantes – algo de uma experiência fundante se transmite. São fragmentos de um processo maior de pesquisa sobre o colonialismo interno e sobre o que, no corpo, resiste a ele. São também testemunhos de uma busca constante por me situar em meio a uma guerra de imagens e linguagem, toda vez que falo. Uma tentativa de recuperar palavras que bem dizem aquilo que foi diminuído, menosprezado. Essa palavra que acorda a memória hoje eu chamo de poesia. Depois de mais de década na academia, enfim, um outro começo: nasci no vale do rio Itajaí, sou filha de uma família camponesa e de operários de fábrica.

## Referências

AYLLÓN, Virginia. *Liberalia: dez fragmentos sobre leitura*. São Paulo/Tangará da Serra: Va Cartonera/Curupira Cartonera, 2021.

4 Referência ao nome de uma gravura desenhada por Melchior María Mercado (1841-1869). Nas suas sequências iconográficas de meados do século XIX, feitas a partir de viagens no território que se convencionou chamar de Bolívia, Melchior María Mercado fazia gravura de costumes, festas, mercados e dava a ver tensões entre uma república estruturada nos valores coloniais e um mundo andino pré-colombiano. Em “República Boliviana. Paz. Mundo ao Revez”, gravura em que dois humanos aram a terra conduzidos por um boi, segundo a leitura de Silvia Rivera Cusicanqui, Mercado constrói uma alegoria crítica à república boliviana e ao colonial (RIVERA CUSICANQUI, 2018b, p.43).

AYLLÓN, Virginia. *Búsquedas: las discapacidades*. Chuquiyawu: Fundación Waina Tambo, 2004.

BENJAMIN, Walter. *La obra de arte en la era de la reproducción mecánica* [1936]. Trad. Jesús Aguirre. Madrid: Ed. Taurus, 1973.

BERGER, John. *Modos de ver*. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *Colonização, quilombos: modos e significações*. Brasília: Ayô, 2019.

FOUCAULT, Michael [1975]. *Vigilar y castigar*. Ciudad de México: Siglo XXI, 1988.

JAMESON, Frederic. Imágenes y postmodernidad. In: MARTIN-BARBERO, Jesús; SILVA, Armando (comps.). *Proyectar la comunicación*. Bogotá: Tercer Mundo, 1997.

KAMENSZAIN, Tamara. *El eco de mi madre*. Buenos Aires: Bajo la luna, 2010.

MILLS, C. Wright [1956]. Sobre la artesanía intelectual. In: *La imaginación sociológica*. Ciudad de México: Editorial Era, 2002.

PONTECORVO, Gillo. *La batalla de Argel*. (Largometraje). Argelia: Antonio Musu y Yacef Saadi, Igor Film y Casbah Film, 1966, (DVD, blanco y negro, 121min.)

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. El ojo intruso como pedagogía. In: *Sociología de la imagen. Miradas ch'ixi desde la historia andina*. [Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.] 2 ed. La Paz: Plural editores/Piedra Rota, 2018a.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Sociología de la imagen. Miradas ch'ixi desde la historia andina*. [Buenos Aires, Tinta Limón, 2015.] 2 ed. La Paz: Plural editores/Piedra Rota, 2018b.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia. *Un mundo ch'ixi es posible. Ensayos desde un presente en crisis*. Buenos Aires: Tinta Limón, 2018c.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia; COLECTIVO CH'IXI. *Principio Potosí Reverso*.

Madrid: Museo Reina Sofía, 2010.

RIVERA CUSICANQUI, Silvia et al. *Ser mujer indígena, chola o birlocha en la Bolivia postcolonial de los años 90*. La Paz: Ministerio de Desarrollo Humano, 1996.

ROLNIK, Suely. *Esferas da insurreiçã: notas para uma vida não cafetinada*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROMERO, Raquel. *Voces de libertad*. (Largometraje). Bolivia, 1989.

SANJINÉS, Jorge. *La nación clandestina*. (Largometraje). Bolivia, 1989 (2h 8min).

SCHULTHEIS, Franz; FRISINGHELLI, Chris ne (eds). *Pierre Bourdieu en Argelia. Imágenes del desarraigo*. Madrid: Círculo de Bellas Artes, 2011.

YUSZCZUK, Marina. *Madre soltera*. Buenos Aires: Mansalva, 2014.

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.

